

LUGARES SELVAGENS

Texto de DAVID QUAMMEN
Fotografias de
CHARLIE HAMILTON JAMES

UM NOVO DIA EM MOÇAMBIQUE

DIZIMADA POR UMA LONGA
GUERRA CIVIL, A VIDA
SELVAGEM DO PARQUE
NACIONAL DA GORONGOSA
ESTÁ A RECUPERAR. O FUTURO
DOS ANIMAIS DEPENDE DA
ESPERANÇA QUE FOR DADA
ÀS COMUNIDADES QUE VIVEM
NAS REDONDEZAS.

An aerial photograph of a large, rocky mountain peak (inselberg) in a savanna landscape. The peak is covered in dense green vegetation and stands out against the surrounding flat, open plain. The sky is a mix of blue and orange, indicating sunset or sunrise. The foreground shows a mix of green and brown vegetation, with a dirt path winding through it. In the distance, another smaller mountain peak is visible on the left side of the frame.

Aninhados na extremidade meridional do Grande Vale do Rifte, em África, os 4.000 quilómetros quadrados da Gorongosa incluem montanhas, planaltos florestados, desfiladeiros com escarpas, savanas cobertas de palmeiras e zonas húmidas. Os *inselbergs* de Bunga (antigos pedaços de rocha vulcânica deixados para trás pela erosão do solo mais macio em redor) interrompem a imensidão da floresta.

PÁGINAS ANTERIORES

Um elefante come um petisco nocturno no Parque Nacional da Gorongosa, em Moçambique. Muitos elefantes do parque foram abatidos e o seu marfim usado para comprar armas durante a guerra civil de 15 anos que terminou em 1992. Com a caça furtiva controlada, a população destes animais está a recuperar.

Os mabecos-africanos deixaram completamente de existir na Gorongosa durante a guerra. Com algumas populações de presas a crescer, o parque precisa de predadores. Uma matilha de 14 mabecos proveniente da África do Sul foi libertada em 2018 e está agora a contribuir para o equilíbrio do ecossistema.





Patos-assobiadores-de-faces-brancas levantam voo acima de um esquadrão de pelicanos e cegonhas pousados no rio Sungué, na Gorongosa, que alimenta o lago Urema. Mesmo na época seca, o lago e os seus canais tributários acolhem um número abundante de aves.

LUGARES SELVAGENS

O Parque Nacional da Gorongosa é um parceiro de conservação da iniciativa Últimos Lugares Selvagens da National Geographic Society.

N

UMA MANHÃ QUENTE do final da estação seca, no início de Novembro, um helicóptero vermelho e preto deslocava-se velozmente para leste, sobrevoando a savana coberta de vegetação do Parque Nacional da Gorongosa, em Moçambique.

O piloto veterano Mike Pingo, originário do Zimbabwe, controlava a manete. Louis van Wyk, especialista sul-africano em captura de animais selvagens, tinha o corpo parcialmente do lado de fora do habitáculo e segurava uma arma de cano longo com dardos carregados de anestésicos. Ao lado de Mike Pingo, sentava-se Dominique Gonçalves, uma jovem ecologista moçambicana que é responsável pela gestão dos elefantes no parque.

Mais de 650 elefantes vivem actualmente na Gorongosa, um aumento robusto desde os anos da guerra civil no país (1977-1992), período em que a maioria dos elefantes do parque foi chacinada e a sua carne e marfim vendidos para comprar armas e munições. Com a população de elefantes novamente em recuperação, Dominique queria instalar um marcador de GPS numa fêmea adulta de cada grupo matriarcal.

Selecionou um animal de uma manada que corria numa clareira, onde as árvores cresciam com pouco espaço entre si. Mike Pingo conduziu o helicóptero para perto do solo, tanto quanto as árvores o permitiam. Dez elefantes adultos – com crias pequenas a seu lado e acompanhados de perto por juvenis – fugiram do ronco dos rotores. Embora obrigado a disparar a uma distância superior à habitual, Louis van Wyk acertou com um dardo no quadril direito da fêmea escolhida.



Jacinta Sainet Miquirosse cuida do lume para cozinhar em sua casa, na serra da Gorongosa. Durante décadas, as comunidades serranas viveram uma existência precária, cortando árvores para cultivar milho, a sua cultura de sustento. Agora, Jacinta e os seus vizinhos participam num projecto do parque que introduziu o café como cultura nas suas explorações agrícolas, contribuindo simultaneamente para a reflorestação da montanha com árvores de sombra.

Mike pousou e os dois especialistas saltaram do helicóptero, avançando pelo meio do capim espelhado até alcançarem a fêmea sedada. Minutos mais tarde, chegou uma equipa de terra com equipamento mais pesado, técnicos auxiliares e um vigilante da natureza armado. Dominique Gonçalves fixou um pequeno pau na ponta da tromba do elefante, abrindo-a de modo a garantir uma respiração desobstruída. Deitado sobre o flanco direito, o animal começou a ressonar alto. Um técnico recolheu uma amostra de sangue de uma veia da orelha esquerda. Outro técnico aju-

dou Louis a instalar a coleira de marcação logo abaixo do pescoço da fêmea.

Dominique recolheu um esfregaço de saliva do animal e um esfregaço rectal, guardando-os em frascos e selando-os. Calçou uma luva de plástico no braço esquerdo e inseriu-o profundamente no recto do animal, retirando um punhado de fezes fibrosas cor de ocre que seriam utilizadas para analisar a composição do regime alimentar do elefante. O grande flanco do animal subia e descia suavemente, ao ritmo do murmúrio de trombone emitido pela tromba.

“Louis, podes ver se está prenhe?”, perguntou a investigadora.

“Falta pouco para parir”, respondeu Louis depois de analisar o leite aguado que escorria dos úberes distendidos da fêmea.

Este artigo foi apoiado pela Wyss Campaign for Nature, que está a colaborar com a National Geographic Society e outras organizações para ajudar a proteger 30% do nosso planeta até 2030.

O crescimento da população de elefantes é apenas uma parte das boas notícias relativas à Gorongosa. A maioria dos animais de grande porte, incluindo leões, búfalos-africanos, hipopótamos e gnus, existe agora em número muito superior ao registado em 1994, pouco depois do fim da guerra. No reino da conservação, no qual demasiados indicadores anunciam pessimismo e desespero, o sucesso em grande escala é raro.

Louis van Wyk acabou de ajustar a coleira de marcação e Dominique Gonçalves arrumou as amostras. Foi injectado um fármaco na veia da orelha para despertar o animal e a equipa recuou até uma distância segura. Passado um minuto, a fêmea levantou-se, abanando a cabeça ensonada, e afastou-se a passos largos, juntando-se à manada. A monitorização dos dados informará Dominique e os colegas sobre os padrões de deslocação dos elefantes, alertando-os caso a manada atravesse uma fronteira do parque em direcção a um campo agrícola, permitindo assim ao agricultor tomar medidas para salvar as suas culturas.

É assim que funciona o Projecto de Restauro da Gorongosa, uma parceria iniciada em 2004 entre o governo moçambicano e a Fundação Gregory C. Carr, sediada nos EUA. Para que elefantes, hipopótamos e leões prosperem num parque delimitado, é preciso garantir que os seres humanos que vivem fora do parque também prosperem.

ESTENDENDO-SE SOBRE UMA PLANÍCIE de aluvião situada na extremidade meridional do Grande Vale do Rift, em África, abrangendo savanas, florestas, zonas húmidas e um grande corpo de água chamado lago Urema, a Gorongosa foi em tempos uma reserva de caça: a administração colonial portuguesa criou-a em 1921 para a prática de desportos de lazer, removendo do território as pessoas que ali partilhavam a paisagem com a vida selvagem. Em 1960, a data da classificação como parque nacional, a Gorongosa continha cerca de 2.200 elefantes, duzentos leões e 14 mil búfalos-africanos, bem como hipopótamos, impalas, zebras, gnus e outros exemplares icónicos da fauna africana.

No entanto, o seu isolamento revelou-se fatal. Na devastadora guerra civil de 15 anos que se seguiu à independência em 1975, a Gorongosa serviu de refúgio à Resistência Nacional Moçambicana (ou RENAMO), as forças rebeldes com ideologia de direita que receberam apoio militar

da vizinha Rodésia (actual Zimbabwe) e da África do Sul. Quando o exército nacional avançou para confrontá-los, travaram-se combates no terreno, ataques com foguetes à sede do parque. Registou-se uma carnificina na savana.

Além do massacre de elefantes, milhares de zebras e outros animais de grande porte foram mortos para consumo da sua carne ou por mera diversão. Uma trégua travou a guerra em 1992, mas a caça furtiva continuou e mesmo as comunidades vizinhas instalavam armadilhas para capturar quaisquer animais comestíveis que restassem. Na viragem para o século XXI, o Parque Nacional da Gorongosa estava arruinado.

As circunstâncias eram igualmente sombrias para as aldeias em redor da Gorongosa. Cerca de cem mil pessoas viviam num território que os responsáveis pelo ordenamento classificam actualmente como zona-tampão – a maioria das famílias trabalhava na produção de milho e de outras culturas de subsistência, mal conseguindo alimentar-se. As crianças careciam de ensino e cuidados de saúde.



À ESQUERDA

Os Clubes de Raparigas da Gorongosa, como este da aldeia de Mussinhá, reúnem-se diariamente, antes ou depois das aulas, em aldeias vizinhas do parque. Juntam-se mais de duas mil raparigas. As actividades do clube centram-se na alfabetização, na saúde reprodutiva e na diversão, contribuindo para manter as raparigas na escola. As suas canções promovem o ensino, os direitos das crianças e formas de evitar o VIH/Sida.

EM BAIXO

A força de vigilantes da natureza do parque inclui onze mulheres. Patrulhas como esta recebem instruções por SMS todas as manhãs e fazem as suas rondas, procurando armadilhas de laço e dissuadindo a actividade dos caçadores furtivos.



No final da estação seca, um charco remanescente no canal do rio Mussicadzi atrai bandos de aves esfomeadas, incluindo garças e duas espécies de cegonhas, juntamente com um casal de inhacosos sedentos. A riqueza avícola de Gorongosa aumenta na estação húmida quando as aves migradoras chegam para se alimentarem.



Quando o solo se esgotava e o milho não crescia, os agricultores abatiam a floresta, queimavam as culturas e plantavam um novo talhão. Por fim, os cortes e plantações expandiram-se das encostas mais baixas da serra da Gorongosa – um maciço granítico que paira 1.863 metros acima da fronteira ocidental do parque – para zonas mais altas e húmidas. Outrora coroada por uma floresta tropical densa, a montanha alberga a nascente do rio Vunduzi, que faz a água correr através do parque e da sua rica planície de aluvião. No início do século XXI, grandes parcelas de floresta de montanha e de outros locais da zona-tampão, com 5.400 quilómetros quadrados, já tinham sido eliminadas.

Este ciclo de perda e desespero começou a aproximar-se do fim em 2004, quando o presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, visitou a Universidade de Harvard para proferir uma palestra a convite de um norte-americano chamado Greg Carr. Em 1986, Carr e um amigo criaram a empresa Boston Technology que, premonitoriamente, oferecia soluções para ligar sistemas telefónicos através de computadores. Seguiu-se outra empresa de sucesso e, em 1998, ainda antes de completar 40 anos, Greg estava do lado certo de um negócio valioso, vendendo a sua empresa por 800 milhões de dólares. “O meu passatempo era ler livros de capa mole que custavam cinco dólares cada”, disse-me durante uma conversa em Gorongosa. “Era muito mais dinheiro do que eu precisava.”

Criou a Fundação Carr, uma instituição filantrópica, antes de saber ao certo para que fim. No entanto, o trabalho do biólogo Edward O. Wilson despertara nele um forte interesse pela conservação. Em simultâneo, estava a aprofundar os seus conhecimentos sobre direitos humanos e os seus grandes promotores, incluindo Nelson Mandela. Estas duas linhas de estudo convergiram mais tarde, quando Carr soube que Mandela, então presidente da África do Sul, estava a colaborar com o presidente de Moçambique para criar “parques da paz” – parques nacionais transfronteiriços para a conservação da vida selvagem e benefício das populações locais.

“O presidente Chissano adorava parques nacionais”, contou Carr. Na primeira visita ao local, em 2004, “convidou-me a restaurar Gorongosa”.

Três anos mais tarde, Greg assinou um acordo de longo prazo com o governo. O contributo para o desafio seria, além dos recursos financeiros e conhecimentos de gestão, uma visão partilhada de que a Gorongosa poderia transformar-se num “parque de direitos humanos”. Isso significava

gerar benefícios palpáveis para as populações vizinhas – em matéria de cuidados de saúde, ensino, agronomia, desenvolvimento económico – e proteger a sua paisagem, corpos de água e todos os tipos de diversidade biológica. A National Geographic Society também financia campanhas científicas e de conservação dentro e em redor do parque, bem como acções de desenvolvimento comunitário e projectos de ensino e formação de mulheres.

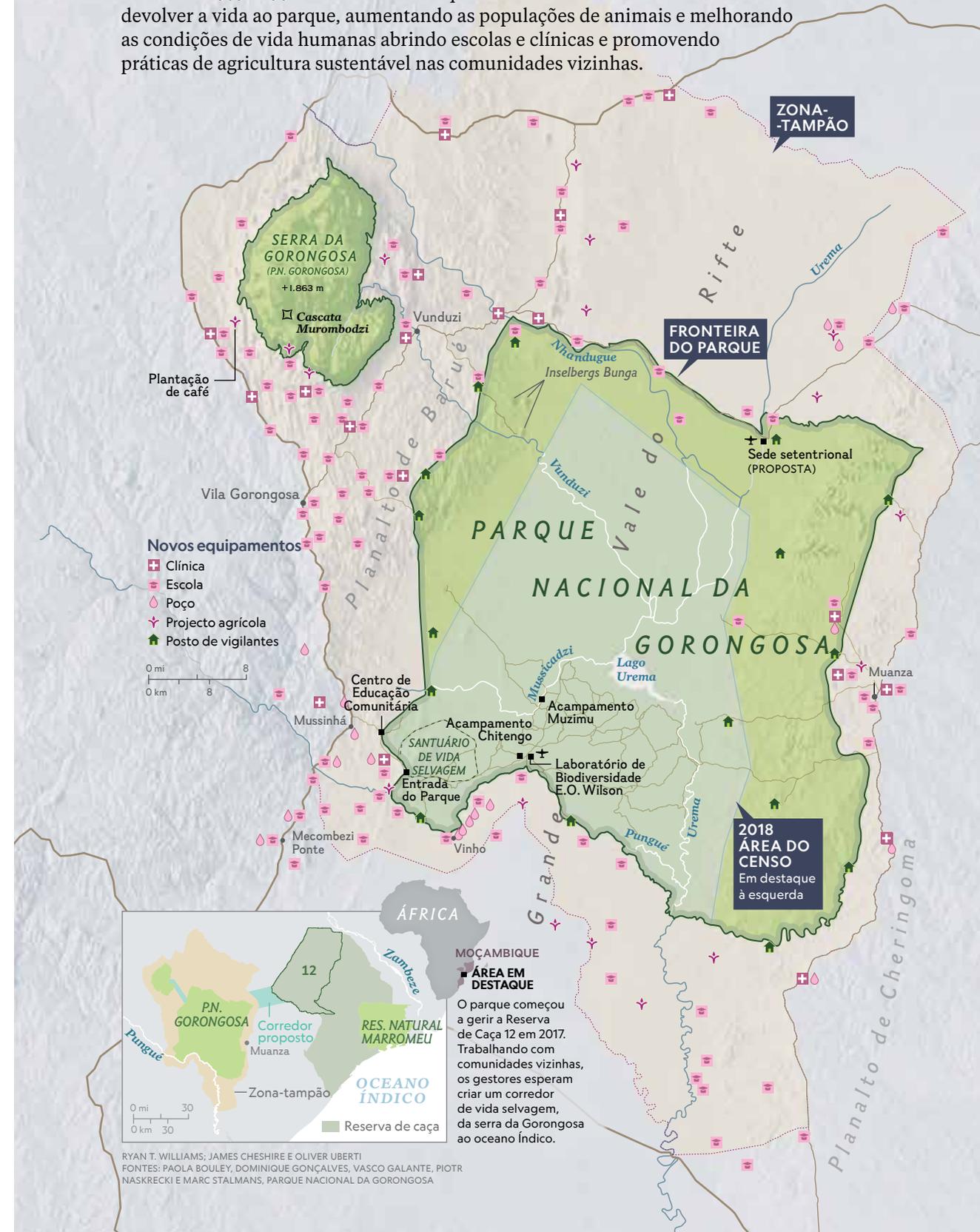
NUMA MANHÃ CHUVOSA DE QUINTA-FEIRA, em Abril, nove raparigas saltavam à corda em Mecombezi Ponte, uma aldeia a cerca de 30 quilómetros do parque. Usavam *T-shirts* azul-escuras com as palavras “Rapariga do Clube” impressas nas costas e um pequeno selo redondo do Parque Nacional da Gorongosa à frente. Reunidas num semicírculo em redor das raparigas, estavam dez madrinhas voluntárias, que ofereciam o seu tempo para vigiar e proteger silenciosamente estas raparigas dos perigos que enfrentam: o casamento precoce forçado, a gravidez frequente, os problemas de saúde e a interrupção dos estudos.

O Clube das Raparigas de Mecombezi Ponte é um de 50 clubes organizados e patrocinados pelo parque para aumentar o tempo de frequência escolar de cerca de duas mil raparigas na zona-tampão. As segundas, quartas e sextas-feiras são dedicadas à alfabetização. As terças-feiras são reservadas para conversas sobre saúde e reprodução. As quintas-feiras, como eu e Greg Carr vimos, destinam-se à brincadeira. As mulheres cantavam e batiam palmas enquanto as raparigas saltavam alegremente à corda por turnos. Cheio de boa vontade, Greg Carr tentou saltar à corda. As raparigas eram melhores do que ele.

Para o meu interlocutor, os Clubes de Raparigas são uma componente fundamental do ressurgimento do Parque Nacional da Gorongosa. A dissuasão dos homens de caçarem os animais selvagens do parque – através de modos de subsistência alternativos e de um reforço das patrulhas de vigilantes – é importante, mas insuficiente. As mulheres são decisivas. Se a população humana da zona-tampão continuar a crescer constantemente, devido ao casamento precoce das raparigas e respectivas famílias numerosas, nenhum esforço produzido dentro das fronteiras do parque será suficiente para proteger a paisagem e a fauna. “Em contrapartida, se as raparigas frequentarem a escola e as mulheres tiverem oportunidades, terão famílias com dois filhos”, disse Greg Carr.

EM BUSCA DO EQUILÍBRIO

A vida selvagem do Parque Nacional da Gorongosa foi dizimada durante a guerra civil entre 1977 e 1992 e nos anos subsequentes. Os conservacionistas estão a devolver a vida ao parque, aumentando as populações de animais e melhorando as condições de vida humanas abrindo escolas e clínicas e promovendo práticas de agricultura sustentável nas comunidades vizinhas.



AVALIAÇÃO DO SUCESSO

5.867

ESPÉCIES DOCUMENTADAS

Além dos censos aéreos, em 2013 o parque começou a fazer censos anuais de biodiversidade para catalogar todas as espécies. Descobertas notáveis: o "morcego Chewbacca" e uma rã cavernícola.

4.800

VISITANTES EM 2018

O reacendimento do conflito entre 2014 e 2016 no centro de Moçambique travou o aumento do número de visitantes. Graças às tréguas provisórias, os turistas estão lentamente a regressar à Gorongosa.

21.027

ARMADILHAS CONFISCADAS

As armadilhas de laço e de mandíbula de aço continuam a ser a principal ameaça para os leões. Cerca de 1.700 armadilhas de laço e de mandíbula de aço foram voluntariamente entregues quando o esforço de recolha começou em 2015.

50

CLUBES DE RAPARIGAS

Atendendo às necessidades de duas mil raparigas na zona-tampão, estes programas ensinam competências importantes, que as ajudam a manter-se na escola e a evitar o casamento infantil.

617

AUTÓCTONES EMPREGADOS

O projecto também sustenta 375 profissionais de saúde comunitária, 1.200 promotores de Clubes de Raparigas, madrinhas voluntárias e 5.000 pequenos agricultores.

MOMENTOS DECISIVOS

23 Julho, 1960
Fundado o Parque Nacional da Gorongosa

1970
GUERRA PELA INDEPENDÊNCIA

1980
GUERRA CIVIL

1972
Censo aéreo de vida selvagem 1972

2002
Último censo aéreo antes do novo projecto

2004
Primeira visita de Greg Carr. Início do Projecto de Restauro da Gorongosa

2004
Construção das primeiras clínica e escola

2005
Início dos esforços de repopulação

2005
Bungalows turísticos inaugurados em Chitengo

2012
Serra da Gorongosa acrescentada ao Parque. Definição da zona-tampão

2012
Construção do Centro de Educação Comunitária

2016
Abertura do Laboratório E.O. Wilson

2016
14 mabecos reintroduzidos no Parque

2016
Renovação do acordo de longo curso com a Fundação Carr

Regresso dos predadores

Em 2018, nasceram 30 leões, foi avistado um leopardo e reintroduziu-se uma matilha de mabecos. Algumas presas abundam pois quase não têm predadores. Os dados da monitorização dos leões indicam que os esforços para recuperar o equilíbrio estão a funcionar.



Grupo de leões de Sungué

Flávia é uma leoa do grupo de Sungué e foi-lhe colocada uma coleira em 2015. Quando o parque começou a monitorizar os leões, um aglomerado de pontos de GPS costumava indicar que um leão ficara preso numa armadilha. Agora, com os esforços de aplicação da lei, os aglomerados revelam as leas e suas crias em movimento.

Flávia

- 20 de Abril de 2015
É colocada uma coleira à leoa na casa dos leões.
- 15 de Junho de 2016
Tem três crias.
- 20 de Abril de 2018
Tem quatro crias e adopta outra de uma leoa mais velha.
- 10 de Setembro de 2018
Flávia ensina as crias a matar um inhacoso.
- 29 de Outubro de 2018
Mabecos aproximam-se das crias e ela afugenta-os.

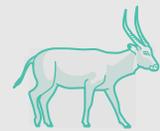


Mabecos

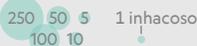
Antes de serem trazidos para a Gorongosa em Abril de 2018, os mabecos não se conheciam. Para assegurar que criavam ligações entre si, formando uma matilha, o parque manteve-os num recinto fechado durante dois meses.

Inhacoso

O parque foi, em tempos, dominado pelos búfalos. Agora, o inhacoso é o herbívoro mais abundante, representando 63% da biomassa animal do parque. Com poucos predadores e melhor acesso à água, esta espécie de grande antilope prospera junto dos lagos e rios.



Inhacosos contados por fotografia aérea, Outubro 2018



FRONTEIRA DO PARQUE

2018
ÁREA DO CENSO

ROTA DO VOO

58 inhacosos contados em 4 fotos aéreas

PARQUE

NACIONAL DA

GORONGOSA

Casa dos Leões (estrutura dos anos 1940 já abandonada)

GRUPO DE SINGUÉ
8 fêmeas
2 machos
8 crias

29 Março, 2018
Avistamento de leopardo

SANTUÁRIO DE VIDA SELVAGEM (VEDAÇÕES REMOVIDAS EM 2014)

Acampamento Chitengo

15 Junho, 2018
Libertação de matilha de mabecos

As coleiras de GPS ajudam a reduzir conflitos entre seres humanos e elefantes. Os vigilantes receberam um SMS de alerta quando duas fêmeas com marcadores, Betty e Dora, e respectivas manadas entraram em terras agrícolas junto dos rios Pungué e Urema.

Betty
Fêmea de 53 anos sem presas

Dora
Fêmea de 40 anos com presas

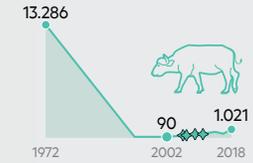
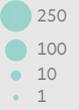
21 Outubro, 2018

13 Outubro, 2018

Contagem contínua

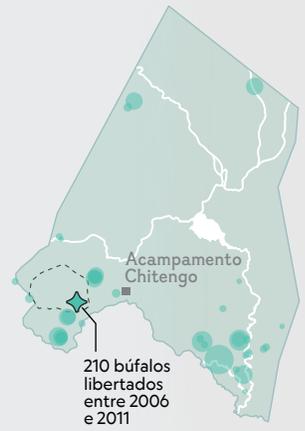
Há censos aéreos bienais, com recurso a helicóptero, numa área com cerca de dois mil quilómetros quadrados, para monitorizar o crescimento das populações de animais à medida que são trazidos exemplares da África do Sul e de outras zonas de Moçambique.

Indivíduos contados durante o censo de helicóptero de 2018



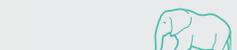
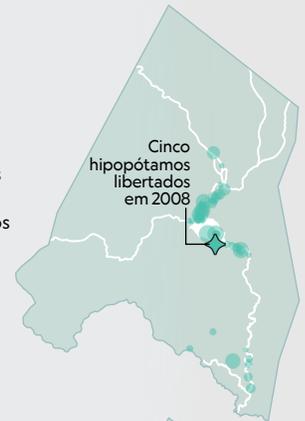
Búfalo

Búfalos provenientes de outros parques foram introduzidos para reforçar o número de efectivos da Gorongosa. Numa fase inicial, foram mantidos num santuário. Quando a primeira manada ganhou dimensão, em 2014, as vedações foram abertas para deixar os búfalos vaguearem em liberdade.



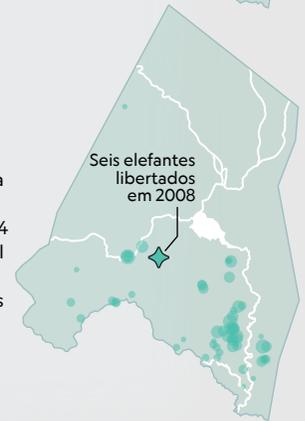
Hipopótamos

Em 2018, num voo separado que desceu os rios Vunduzi e Urema, foram contados mais de quinhentos hipopótamos, pela primeira vez desde a guerra civil. Nessa época, mais de três mil hipopótamos viviam prosperamente no parque.



Elefantes

A maioria dos elefantes do parque foi abatida durante a última guerra. Em Outubro passado, foram contados 544 elefantes, mas o número real aproxima-se dos 650, pois seis fêmeas com coleiras e as famílias estavam escondidas no meio da vegetação.



ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO COM BASE EM CENSOS AÉREOS E NO TERRENO. RYAN T. WILLIAMS; JAMES CHESHIRE E OLIVER UBERTI. FONTES: PAOLA BOULEY, DOMINIQUE GONÇALVES, VASCO GALANTE, PIOTR NASKRECKI E MARC STALMANS, PARQUE NACIONAL DA GORONGOSA

A solução faz parte do movimento que procura emancipar as mulheres locais. “É aqui que o desenvolvimento humano e a conservação se fundem”, acrescentou Carr. “Direitos para mulheres e crianças, alívio da pobreza – é disso que África precisa para salvar os seus parques nacionais.”

Antes de partir, assistimos a uma pequena cerimónia. Uma aluna do sexto ano chamada Helena Francisco Tequesse deu um passo em frente, apresentando-se e, com a ajuda de um cartão laminado, leu uma declaração com dez direitos e dez deveres das crianças. “As crianças têm direito a serem alimentadas e o dever de não desperdiçarem comida”, leu. “As crianças têm direito a viver num ambiente saudável e o dever de cuidarem dele.”

“Isto é fantástico”, disse Greg Carr. “Quando aqui cheguei, a percentagem de mulheres que sabiam ler na zona-tampão era zero.” Ele pediu às raparigas que dissessem o que queriam ser quando crescessem. Cada uma deu um passo em frente e disse o seu nome, respondendo com convicção: enfermeira; parteira; professora, outra enfermeira, uma agente policial.

EMBORA SITUADA FORA das fronteiras do parque, a serra da Gorongosa é uma parte imprescindível do ecossistema da Gorongosa. A montanha não se limita a captar a chuva e a distribuí-la pela planície de aluvião do parque. Acrescenta uma diversidade de altitudes, climas, solos, vegetação e animais selvagens à Gorongosa. Em 1969, o ecologista Ken Tinley propôs que a serra, bem como o planalto e os habitats costeiros a oriente da fronteira do parque, igualmente ricos em diversidade, fossem unidos e integrados numa única zona de gestão.

A ideia criou raízes e transformou-se numa visão da Gorongosa “da montanha até ao mangal”. Em 2010, as terras altas da serra da Gorongosa foram incluídas no parque. O topo da montanha abrange a nascente do Vunduzi e algumas zonas isoladas de floresta. Nas zonas de baixa altitude, as populações continuavam a cortar, a queimar e a cultivar. Não tinham muito mais opções.

Pouco depois, o director florestal do parque, um moçambicano chamado Pedro Muagura, apresentou a seguinte sugestão: porque não cultivar café em parcelas de montanha já anteriormente desflorestadas? O café podia ser cultivado à sombra das árvores autóctones replantadas, proporcionando algum rendimento aos habitantes, enquanto a floresta recuperava. Pedro Muagura é agora o director do parque. E a sua ideia de plantar café está a florescer.

Após alguns anos de aclimação e reprodução num santuário vedado, estas zebras são transportadas num atrelado até ao local onde serão libertadas no parque. Ali, enfrentarão a liberdade e os perigos da vida selvagem. A população de zebras do parque foi praticamente dizimada durante a guerra.



Quentin Haarhoff é o principal perito em café do parque. Estávamos a subir até à zona do projecto do café numa estrada íngreme com marca de rodados que subia pela encosta meridional do maciço, passando por campos de sorgo e milho, algumas cabanas e uma plantação de ananases. Ligeiramente mais acima, chegámos à altitude propícia ao cultivo do cafeeiro.

“Esta montanha tem um ambiente fantástico”, disse Quentin. Boa humidade, temperaturas frescas e sem grandes flutuações e não há geada.

O cultivo de sementes de cafeeiro e a recuperação da floresta numa região intermitentemente assolada pela guerra ainda é uma tarefa complicada. No entanto, os agricultores locais estão a aceitar essa missão.

Estacionámos o nosso veículo e inspeccionámos um viveiro de 260 mil rebentos de cafeeiro à sombra das árvores: cada uma cresce num pedaço de solo envolta numa manga de plástico. Num local mais acima na encosta, deslocámo-nos entre árvores produtivas, do tamanho de arbustos, plantadas em filas ao longo da encosta à sombra. O parque emprega actualmente 180 pessoas neste sector, explicou Quentin Haarhoff. É um projecto-piloto. O plano consiste em mostrar como se faz – pés de cafeeiro, à sombra de árvores nativas, adubados com esterco, em terrenos limpos manualmente, com hortaliça, frutos e leguminosas crescendo como culturas secundárias entre as filas – e depois dar formação e fornecer ferramentas, rebentos e sementes

de cafeeiro e oferecer um bom preço pelo café colhido, que é comprado pela Produtos Naturais, uma empresa que pertence à divisão de finanças sustentáveis do parque.

A Produtos Naturais processa o café na nova fábrica localizada nas proximidades e vende o grão torrado a grossistas moçambicanos. O café e outras culturas altamente lucrativas (como o caju) garantirão melhores condições de vida aos autóctones e desabituarão os agricultores da cultura de corte e queimada do milho, protegendo deste modo não só o que resta da floresta da montanha, mas também reflorestando zonas que foram abatidas. “Não sou cientista, mas as aves voltaram, as abelhas voltaram”, disse Quentin Haarhoff. “A natureza está a soltar um suspiro de alívio.”



Um de dois leões machos conhecidos como os Senadores aguarda a mudança de coleira de marcação sob efeito de tranquilizantes, enquanto o vigilante da natureza Cubalua Joaquim fica atento a elefantes e outros leões. A veterinária estagiária Mercia Angela (com a antena) e Victoria Grant, uma investigadora norte-americana, já os vacinaram.

A NATUREZA É RESILIENTE, mas os seus suspiros de alívio, as tendências de recuperação e ressurgimento, exigem mais do que a reflorestação de encostas montanhosas e medidas de protecção contra a caça furtiva. Uma matilha de mabecos (um predador nativo, desaparecido durante a guerra) foi libertada no parque em 2018, após várias semanas de aclimação num recinto de grandes dimensões. Uma pequena manada de zebras, retirada do seu curral, entrou num atrelado, com cautela, e foi libertada na natureza. E um leopardo solitário foi avistado.

Noutro tempo, os rinocerontes-negros também deambularam pela Gorongosa, mas essa reintrodução afigura-se difícil por gerar um risco elevado de atrair caçadores furtivos com fins comerciais. É um projecto ainda na gaveta. A recuperação total precisa de tempo e de espaço. A dimensão temporal é reconhecida num acordo a longo prazo entre o grupo de Carr e o governo, renovado em 2018 por mais 25 anos. É claro que, em termos ecológicos, esses 25 anos são apenas um começo.

A importância do espaço (maiores zonas protegidas costumam acolher mais diversidade e mais plenitude ecológica) ajuda a explicar por que razão Greg Carr e os seus colegas, incluindo parceiros do governo moçambicano, são a favor do alargamento futuro da Gorongosa, segundo o modelo da montanha-até-ao-mangal atrás referido. Imaginam um ecossistema maior na Gorongosa – inteiramente protegido e gerido de forma sustentável, abrangendo agricultores bem-sucedidos e outros negócios locais – unindo a serra da Gorongosa, a oeste, ao parque do Sul do vale do Rife, as grandes parcelas de floresta de madeiras duras do planalto de Cheringoma, imediatamente a leste do vale, e as singulares florestas costeiras e pântanos do Sul do delta do rio Zambeze. A peça costeira deste quebra-cabeças já beneficia de alguma protecção enquanto Reserva Nacional de Marromeu, uma região selvagem pantanosa e sem estradas, onde abundam aves e búfalos-africanos.

Noutra bela manhã, eu e Greg Carr descolámos de avião, na companhia de Marc Stalmans, director do departamento científico do parque, e rumámos para leste, em direcção a Marromeu. Sobrevoámos de perto a savana, o palmar e, de seguida, a floresta densa do planalto. Greg Carr prevê que quem sobrevoar esta paisagem daqui a 50 anos – seja Dominique Gonçalves ou outra pessoa da sua geração – poderá avistar um grande número de animais selvagens: dez mil elefantes, mil leões. Talvez cinquenta mil búfalos.

A jovem ecologista moçambicana Dominique Gonçalves, bolsista da National Geographic, dirige o programa de elefantes da Gorongosa. Os cientistas e gestores do parque têm várias nacionalidades, mas há cada vez mais moçambicanos em posições de liderança. O local está a evoluir rumo ao princípio orientador de um “parque de direitos humanos”, servindo a natureza e as pessoas, supervisionado por moçambicanos e partilhado com o mundo.



“É difícil, mas exequível”, disse. “Agrada-me a ideia de estar mesmo no limite do possível.”

“Difícil” é um eufemismo. O último censo aéreo de animais selvagens no parque, em Outubro de 2018, revelou um aumento contínuo de muitas espécies – mais búfalos, mais cudos, muito mais impalas. Além da reintrodução de mabecos-africanos, as populações de zebras, gnus e elandes também cresceram. As patrulhas realizadas pelos vigilantes – 261, incluindo um grupo pequeno, mas crescente de mulheres – mantiveram a caça furtiva em níveis mínimos. Os últimos censos mostram que os objectivos de Greg Carr estão muito distantes, mas se o limite do possível for alcançável, será aqui, no Parque Nacional da Gorongosa.

Mike Pingo aterrou o helicóptero na praia de Marromeu e, durante uma breve paragem no local, eu, ele e Marc Stalmans falámos sobre o búfalo-africano enquanto Greg Carr passeava. Os búfalos precisam de capim, água e ocasionalmente de sombra, mas pouco mais – disse o meu interlocutor. Antes da guerra civil, havia 55 mil aqui, na Reserva Nacional de Marromeu. Depois da guerra, restavam apenas dois mil búfalos e, mesmo estes, só sobreviveram porque o terreno costeiro alagadiço dificultava a caça.

Neste instante, reparámos que Carr descalçara os sapatos e encaminhava-se para o mar, recuando perante as ondas, como frequentemente faz, como um miúdo pequeno. Quando voltou, começou a imaginar uma estalagem na praia,

neste mesmo local, atraindo os turistas para usufruir da costa e da vida selvagem, e um centro de investigação marinha, ancorando o grande e variado ecossistema: a montanha, o vale, o lago, o planalto, as terras húmidas costeiras, os mangais, a praia.

“Se juntarmos isto tudo, teremos algo extraordinário”, disse entusiasmado.

Regressámos ao helicóptero. Ao descolarmos, passámos sobre uma considerável manada de búfalos, escuros e elegantes. Cada um tinha um casal de garças, luminosamente brancas, pousado no seu dorso. Assustadas com o nosso barulho, as aves levantaram voo, assemelhando-se a um bando de anjos da guarda de regresso à base. □